

Um candidato em campanha

CORREIO BRAZILIENSE

14 MAR 1997

Faltando 17 meses para a próxima eleição, Joaquim Roriz já está pedindo votos em pequenos comícios na periferia de Brasília

Antônio Oliveira e Máximo Manzóllilo
Da equipe do Correio

O cenário é agrícola, poeirento e simples, mas distante do Pontal do Paranapanema; as palavras de ordem lembram a socialização dos latifúndios, mas não há sinal do Movimento dos Sem-Terra. "A terra aqui tem que ser distribuída para os pobres", anuncia a figura messiânica. Controla a platéia com timbre de barítono e nenhum tropeço no vernáculo. Não pode ser o Joaquim Roriz! É o Joaquim Roriz, versão 98. Um pouco mais grisalho, ainda hipnótico, que reinicia na poeira o caminho político. Nada de asfalto na segunda via. A estrada é de picarra, esburacada, mas o trânsito é de caminhão de votos.

O novo estilo, místico, é o prefácio da candidatura. "Se Deus assim quiser, vou desafiar mais uma vez. Nesta terra sonhada por Dom Bosco, entre os paralelos 13 e 17, há de jorrar leite e mel".

Antes que o banquete venha, os 250 produtores rurais da Colônia Agrícola Vicente Pires, testemunhas dessa nova peregrinação eleitoral, se saciam com a oratória de recheio social: "Esta cidade não pode ter invasão e vamos fazer a travessia do milênio sem ódio, sem rancor". O

amém dos agricultores vem como um aceno de aprovação.

TRAIDOR

Alguns seguidores acompanham o início da jornada, quarta-feira à noite. A residência do produtor Augustino das Chagas Fernandes, 57 anos, transformou-se em templo da pregação peemedebista. Se bem que os sermões nem sempre trataram do mesmo tema. O ex-governador Joaquim Roriz (1988-1989 e 1991-1994), sem perdão, sem complacência, faz a apologia da fúria contra os "traidores", com citações nada elogiosas a dois. "Tem aqueles que se elegeram e depois me apunhalaram pelas costas", brada, e ouve o coro dos seguidores: "Arruda (senador José Roberto Arruda) traidor, Lacerda (deputado distrital César Lacerda) traidor. Todas as pedras na terceira via.

Alguns apóstolos, como o deputado distrital Luiz Estevão, têm um balaio maior e disparam contra outros ímpios. "Os que estão no governo são incompetentes e irresponsáveis". No caso do também distrital Manoel de Andrade, a pedrada é mais forte. "O governador é um assaltante dos mais pobres. Vamos colocar a argola nas mãos dele". Entre Judas, Iscariotes, Pôncios e Pilatos, não fica pedra sobre pedra. Todas

foram arremessadas. E ninguém lava as mãos.

Candidato ao Senado, Estevão anuncia, profético, que "em 1998, vamos mostrar que o tempo deles acabou".

MISSÃO

O discurso virulento não seduz o ex-governador, que mantém a aura de quem trará a bonança. É o que anuncia Manoelzinho, em mais um versículo. "Roriz é a volta da esperança e da felicidade". Sorriso permanente, silhueta menos rotunda, mão sempre estendida, abraços em quem surge à frente. Ao lado da inseparável mulher, Wesliam, Joaquim Roriz parece não se empolgar com o clima de Inquisição. E abraça sua missão. "Deus elaborou um plano para nós. E, se nele estiver escrito que é para voltar pela terceira vez, não tenho o direito de recusar. Deus quer".

Deus, no caso, são as pesquisas de intenção de voto. "Sinto pelas pesquisas que o povo quer que eu volte", explica, em um momento menos espiritual e mais pragmático. Algumas mulheres, de idade e aspecto humilde, arriscam uma aproximação, um carinho. A mão quase não alcança o ombro. "Esse homem é muito querido", exclama a primeira esfregando a mão como uma dádiva. "Virge", diz a outra, estupefata pela proximidade.

O encontro promovido pelo piauiense Augustino Fernandes era para reunir 50 pessoas. "Vieram umas 250. É prova de força", deduz. Amigo do anfitrião, Gentil Rodri-

gues Farias, 55 anos, e sua mulher, Maria de Jesus, 52 anos, reclamam do presente, denunciando uma expectativa futura. "Dá dó a gente ver as reportagens na televisão, com as pessoas nas filas dos hospitais". E se aventuram a identificar o problema do atual governo. "O Cristovam não teve habilidade para se aproximar do presidente da República e conseguir o dinheiro que o GDF precisa".

DOGMAS

Em pouco tempo de contato com Roriz, os conceitos, as opiniões, já assumem um aspecto de dogmas. E todos seguem. "Acusar Roriz pelo inchaço da cidade é uma mentira. As pessoas vêm para cá porque querem progredir. Eles têm direito a optar", avalia Augustino. "Estou há 39 anos em Brasília e nunca vi a cidade tão depredada. Me diga o que o atual governo fez para botar asfalto nas ruas? Tudo que está aí já existia antes".

O cardápio não foi só político. Após a leitura do Salmo 118, versículo 24 da Bíblia, pela dona Zinha, a dona de casa Maria Torres Pereira, os convidados fartaram-se de galinha caipira, feijão tropeiro, arroz de carreteiro, saladas e verduras - quase tudo produzido no local. O pecado da gula foi espantado pelo pastor Antônio de Araújo Neto, 33 anos, da Igreja Pentecostal Mais que Vencedor. "Esta é a melhor comida. Aquela que nos cura e nos leva para o céu. vamos nos alimentar de oração. Uma salva de palmas para o Senhor". E todos olharam para Roriz.

Ex-governador lidera pesquisa

O ex-governador Joaquim Roriz recebeu uma pesquisa de opinião pública embalada em papel de presente. Realizada pelo instituto Soma Opinião & Mercado, entre os dias 4 e 10 de março, a pedido do próprio candidato do PMDB, a pesquisa traz números amplamente favoráveis ao ex-governador, se a eleição fosse realizada hoje.

Na intenção espontânea de voto, Roriz lidera com 10%, seguido por Cristovam Buarque com 9%, Valmir Campelo com 7%, Luiz Estevão com 4% e José Roberto Arruda com 3%. Na intenção estimulada de voto, quando uma cédula eleitoral é apresentada aos entrevistados, a situação de Arruda melhora muito, mas Roriz continua liderando com folga: o ex-governador tem 42% das intenções, o senador Arruda tem 18% e Cristovam tem 16%. Outros 16% não votariam em nenhum candidato.

O que mais atrapalha o governador Cristovam é o alto índice de rejeição, 54%. Roriz tem 23% de rejeição.

Os pesquisadores ouviram 1.120 pessoas. Segundo o diretor da Soma, Ricardo Pinheiro Penna, a margem de erro da pesquisa é de 2,9%, com intervalo de confiança de 95%. Isto significa que, se realizadas infinitamente com a mesma metodologia, as diferenças máximas entre as pesquisas seriam de 2,9% em 95% das mesmas.